

A função do analista: escuta como investimento interminável

The function of the analyst: listen as an endless investment

Érica Bitencourt Pereira^{†*}, Roberta da Silva Barbosa[‡]

Como citar esse artigo. Pereira, EB; Barbosa, RS. A função do analista: escuta como investimento interminável. Revista Mosaico. 2019 Jan/Jun.; 10 (1): 23-30.

Resumo

O presente trabalho refere-se à uma pesquisa bibliográfica nas Obras de Freud, Lacan e alguns comentadores, tendo como objetivo perpassar através dos referenciais teóricos, elementos que potencializem a função da escuta psicanalítica, uma vez que o processo analítico se torna por excelência espaço de comunicação. Contudo, a escuta flutuante é então função primordial do analista, pois retrata sua singularidade no despir-se de tudo que possa contaminar sua atenção. Que advêm de uma fonte que emana seu sustento o tripé: análise pessoal, formação teórica e supervisão. Pilares que possibilitam consistência e lapidação na formação, pois despertam o desejo de estar em contínuo aprender. Enfim, atributo imprescindível à característica essencial da psicanálise como método e técnica.

Palavras-Chave: Psicanálise, Analista, Analisando, Escuta, Função.

Abstract

The present work refers to a bibliographical research in the Works of Freud, Lacan and some commentators, aiming to pass through the theoretical references, elements that potentiate the function of psychoanalytic listening, once the analytical process becomes par excellence space of Communication. However, floating listening is then the primary function of the analyst, because it portrays his uniqueness in undressing everything that might contaminate his attention. That comes from a source that emanates its support from the tripod: personal analysis, theoretical training and supervision. Pillars that enable consistency and stoning in formation, as they awaken the desire to be in continuous learning. In short, an essential attribute of the essential characteristic of psychoanalysis as method and technique.

Keywords: Psychoanalysis, Analyst, Analyzing, Listening, Function.

Introdução

A contribuição teórica que fundamentou o presente trabalho foram as Obras de Freud, Lacan e alguns comentadores contemporâneos. O valor da escuta na trajetória da psicanálise e no desenvolvimento analítico trouxe subsídios da teoria desde seu advento a atualidade, possibilitando ao sujeito um espaço privilegiado para o protagonismo da palavra.

Assim, a palavra encaminhada àquele que exerce a função da escuta, convocando o sujeito a falar o que quiser, efetue o legado, vindo da sabedoria do próprio sujeito, como autor por excelência do discurso. Quanto ao analista, é então exigido que a escuta seja sem julgamentos, desprovida de concepções teóricas e suposições, conduzindo-o simplesmente a estar ali, sem pretensões, mas atento as palavras, cadência, tonalidade, sentimentos e expressões não verbais.

Através da sustentação do tripé: análise pessoal, formação teórica e supervisão, a formação ganha consistência para não se acomodar, mas lapidar-se continuamente. É aprender a aprender como retrata Leite (2006, p. 153), ao definir o analista como “[...] o amador acaba por se transformar na coisa amada” tornando-se incansável justamente por despertar no sujeito o potencial contido interiormente. Herança que o convoca a exercer sua função como investimento interminável.

Um pouco da história: Psicanálise, associação livre e escuta flutuante

A escuta compõe relevante primazia desde a origem na história da psicanálise. Para Macedo e Falcão (2005, p. 65), Freud consagrou “novos tempos: o tempo

Afiliação dos autores: [†]Graduanda, Curso de Psicologia, Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil
[‡] Mestre, Professora do Curso de Psicologia, Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil

Email para correspondência: ericabitencourt@bol.com.br

da palavra como forma de acesso por parte do homem ao desconhecido de si mesmo e o tempo da escuta que ressalta a singularidade de sentidos da palavra enunciada”. Segundo Roudinesco e Plon (1998 p. 336), a psicanálise tem seu advento “[...] muito embora a nosografia psiquiátrica do fim do século XIX se esgotasse no niilismo terapêutico, de tanto preconizar tratamentos inúteis [...]. E construir classificações rígidas, das quais o sofrimento do sujeito era banido”. Inserido na práxis científica por meio da formação médica, os autores (1998, p. 336), ressaltam que “Freud logo abandona a hipnose. [...] porque a psicanálise, como técnica de verbalização dos sintomas pela fala, enfim permitia ao doente falar com liberdade e com plena consciência, sem necessidade de se entregar a um sono artificial”.

No princípio, onde tudo começou, Freud fez uso da hipnose¹ e no decorrer da trajetória, abandona a prática e gradativamente percebe a necessidade “que o paciente fosse escutado, segundo Macedo e Falcão (2005, p. 66). Ressalta Landi e Chatelard (2015, p. 157), que “[...] descentrando o analista da cena e situando o analisando como seu protagonista eticamente uma nova técnica é estabelecida, deslocando o saber do hipnotizador, do sugestionador, para o sujeito que sofre”. Para Quinet (2002, p. 9), “Eis, portanto, a única regra da psicanálise. Ela não está do lado do analista, e sim do analisante. [...] É a associação livre que marca o início da psicanálise”.

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p. 38), “Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea”. Segundo Quinet (2009, p. 102), “Numa análise só há lugar para o sujeito; o sujeito do inconsciente que fala pela boca do analisante”. Portanto, é a partir de sua posição ativa em suas reedições no processo de cura, através do convite para que fale o que vier a mente, que a gênese da psicanálise passa a existir e se desenvolve.

Segundo Rivera (2006), relacionando a psicanálise, mais precisamente, o método da associação livre com a arte, enaltece o anúncio da palavra, por tornar-se a mola propulsora para a revelação do artista, quando enfatiza que “[...] o ato criador se mostra então hi-ato descontinuidade entre a intenção e a ação do artista, que se reproduz, em ato, no “olhar criador” da obra (RIVERA, 2006, p. 237). É abrir possibilidades para que o sujeito faça ecoar internamente sua história reescrevendo-a, sob nova edição, para que falando se ouça e encontre em sua fala a condição de pertencer-se a si mesmo.

O ano de 1989 relembra o cinquentenário da morte de Freud e o aniversário da única regra presente na experiência analítica: o centenário da “regra fundamental”, a “regra de ouro” da psicanálise, como diz Quinet, ao fazer memória do dia 12 de maio de

1889, quando interpelado pela boca de Emmy von N. Freud interrompe o relato da paciente sob hipnose, para indagar-lhe a origem de certos sintomas. “Aproveitei também a oportunidade para lhe perguntar por que sofria de dores gástricas e de onde provinham. Sua resposta, dada a contragosto, era de que não sabia. Solicitei-lhe que lembrasse até amanhã. Disse-me, então, num claro tom de queixa, que eu não devia continuar a perguntar de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar o que tinha a dizer-me” (FREUD apud QUINET, 2009, p. 9). Assim, a psicanálise torna-se distinta ao contribuir para que o analisando seja protagonista de seu discurso.

A partir do vocabulário da Psicanálise, os autores definem o significado do que viria a ser a teoria. O uso do termo “psicanálise” designado por Freud consagrou o abandono da catarse sob hipnose e abriu-se ao recurso exclusivo à regra da associação livre. Portanto, deu-se o nome psicanálise ao trabalho pelo qual se tem acesso à consciência do doente o psiquismo recalcado nele (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Continuando a reflexão, para Quinet (2009 p. 9), “[...] O paciente [...] deve dizer-nos não apenas o que pode dizer-nos intencionalmente e de boa vontade [...] mas também tudo o mais que sua auto-observação lhe fornece, tudo o que lhe vem à cabeça, mesmo que lhe seja desagradável dizê-lo”. Freud complementa 1937/1996 p. 276. “Se ele se entrega à associação livre, produz ainda ideias em que podemos descobrir alusões a experiências reprimidas e derivados dos impulsos afetivos recalcados, bem como das reações contra eles. [...] É dessa matéria-prima [...] que temos de reunir aquilo de que estamos à procura”. O que para Macedo e Falcão (2005, p. 68), “[...] é somente ao assumir a posição de quem não sabe a respeito de quem chega com uma demanda de ajuda que o analista poderá efetivamente exercitar a escuta analítica”. Estando desprovido de tudo que possa comprometer sua escuta, porque cada encontro, desperta o analista, a epifania do inédito.

Segundo Freud, 1913/1996 p. 125 referindo-se à escuta flutuante, ressalta: “A técnica, contudo, é simples. [...] Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa (como a dominante) em face de tudo o que se escuta. Desta maneira, poupamos de esforço violento nossa atenção. E completa, “Ele deve conter todas as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção e abandonar-se inteiramente à memória inconsciente. “[...] Ele deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa” FREUD, 1913/ 1996 p. 126. De acordo com Freud,

Assim como o paciente deve relatar tudo o que sua auto-observação possa detectar, e impedir todas as objeções lógicas e afetivas que procuram induzi-lo a fazer uma

seleção dentre elas, também o médico deve colocar-se em posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem substituir sua própria censura pela seleção de que o paciente abriu mão (FREUD, 1913/1996 p. 129).

Enunciada em Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise Freud define a atividade subjetiva do analista, ressaltando o método que consiste numa interrupção completa, como possível do que habitualmente direciona a atenção como: tendências pessoais, preconceitos, julgamentos, conceitos teóricos, até mesmo os mais fundamentados (LAPLANHE; PONTALIS, 2001). Dessa forma, a escuta flutuante como dizia Freud, ao mencionar a metáfora da viagem de trem, Isolan salienta (2015, p. 57), “Aja como se, [...] você fosse um viajante sentado à janela de um vagão ferroviário, a descrever para alguém que se encontra dentro as vistas cambiantes que se vê lá fora. [...] Não excluir nada voluntária e conscientemente da comunicação”. De fato, no primeiro momento, pode apresentar-se como atividade irrelevante, contudo, a posteriori repletas de significados.

Segundo Landi e Chaterlard (2015, p.159), “[...] Ao analista cabe não selecionar do material algo em específico, mas sustentar a atenção suspensa”. De outro modo, “[...] convoca o analista a entregar-se ao trabalho do inconsciente, que implica em deixar o raciocínio teórico como pano de fundo que está ali, mas não rouba a cena do dizer do analisante”. Função que permite ouvir não somente a história que o sujeito traz, mas porque trouxe naquele momento. É de Freud a gênese da ideia ao apresentar a metáfora do receptor telefônico referindo-se a pessoa do analista como aquele que acolhe os derivados do inconsciente vindo do sujeito ecoando em si por meio da escuta: Assim diz o autor:

Para melhor formulá-lo: ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve-se ajustar ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor. Assim como o receptor transforma de novo em ondas sonoras as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas por ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente (FREUD, 1913/1996 p. 129).

A partir do que foi acenado no primeiro tópico sobre a história da psicanálise, associação livre e escuta flutuante, pilares que edificam o método, solidificando assim a gênese da teoria na contemporaneidade, levando o legado da consistência do que fundamenta a função do analista. Nesse sentido, é intrínseco ressaltar em que constitui a formação do analista, ou seja, o que concomitantemente baliza o *setting* terapêutico e sua postura? Aliás, como se constitui um analista?

Formação do analista: análise pessoal, formação teórica e supervisão

O processo que direciona a formação do analista é permeado de cadência, demarcando tempos que segundo Jorge (2006, p. 9) ocorre, “No decorrer da história documentada, a estrutura e formação do analista se desenvolveu de forma gradual. A transmissão da cultura é efeito de uma temporalidade complexa que envolve a reescrita do passado no presente”, a partir do tripé: análise pessoal, formação teórica e supervisão. Para Millot remetendo-se ao texto sobre a história da psicanálise, diz:

Para situar os fatos em plano aproximadamente histórico, pode-se dizer que o sistema de formação foi estabelecido gradativamente até pouco antes da Segunda Guerra Mundial, e desde então permaneceu praticamente o mesmo na maioria dos institutos de formação. À exceção das elaborações de Freud e Ferenczi, os primeiros artigos dedicados ao problema da formação surgiram, quase exclusivamente, depois da Segunda Guerra Mundial, a partir de 1948 (MILLOT, 2006, p.29).

E completa, “na época em que os chamados pioneiros, a partir de 1907, juntaram-se a Freud, a formação analítica consistia na leitura das obras de Freud e na permuta das ideias com o próprio, sobre a forma de correspondência ou conversa”. Além do mais, o reconhecimento como analista por Freud pela inserção na psicanálise e os estudos da teoria, de fato, tornavam-se relevantes (MILLOT, 2006, p. 29). Leite (2006, p. 156), ressalta “[...] De maneira similar à experiência estética, a experiência psicanalítica assumiria os contornos de uma revelação, isto é, de um des-velar, uma retirada de véus ou ainda um reencontro com o mobilizador de uma re-escrita”. A formação por meio do tripé permite aquele que exerce a função de aprimorar-se de forma contínua (MILLOT, 2006, p. 29).

Segundo Millot (2006, p. 40), “o candidato ideal deve ser inteligente, culto, curioso sobre a vida psíquica e emocional, desejoso em ajudar, respeitador do indivíduo, intuitivo; deseja-se que “nada do que é humano lhe seja estranho”. Nessa construção que suscita um constante refazer, o tripé fornece de acordo com Fontenele (2006, p. 263), “[...] orientações básicas capazes de nortear a formação do analista e assegurar um espaço de formação clínica”. Ao mesmo tempo em que cada elemento possui sua particularidade distinta, torna-se indissociável, mantendo identidade própria, porém conexas e fluidas entre si.

Uma pergunta instigante e sagaz a partir do elemento: análise pessoal é feita por Bernardes (2002, p. 311): ao dizer: “De onde vêm os analistas?” E a referida autora responde: “Os analistas vêm de suas análises”. Reafirmando então, uma das funções primordiais da formação do analista. Em seu texto *Análise terminável e interminável* Freud enfatiza:

“[...] Os analistas são pessoas que aprenderam a praticar uma arte específica. [...] Afinal de contas, ninguém sustenta que um médico será incapaz de tratar doenças internas se seus próprios órgãos internos não forem sadios; ao contrário, pode-se perguntar que há certas vantagens no fato de um homem que foi, ele próprio, ameaçado pela tuberculose, se especializar no tratamento de pessoas que sofrem dessa doença. [...] “A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa a sua preparação para a futura atividade” (FREUD, 1937/1939, p. 264).

É o que Freud fala com clareza e propriedade no texto acima, a escuta encontra sua vitalidade na medida em que o analista reconhece a necessidade e o valor de ser ele próprio escutado. Ressalta ainda Freud, 1913/1996 p. 131. “[...] Uma confiança merece outra e todo aquele que exige intimidade de outra pessoa deve estar preparado para retribuí-la”. Uma vez que dispor-se a escutar solicita do analista um lugar que ele próprio busque e se responsabilize, permitindo-se falar do que lhe é necessário, o que não é nem sempre agradável, no entanto, o torna alguém capaz de uma escuta mais aprimorada.

Como para Millot (2006, p. 40), o analista necessita de abertura de seu sistema emocional “[...] no qual se comunicam os diferentes aspectos de sua personalidade, de tal forma que se realize um processo de equilíbrio fluido entre as tendências instintivas e defensivas”. Reafirmando mais uma vez, o valor da análise pessoal, que contribui efetivamente para uma escuta mais límpida, aliás, repleta de sentidos valiosos.

Nesse primeiro elemento do tripé, é relevante destacar a função ocupada pelo psicanalista dentro dos quatro discursos de Lacan, no Seminário XVII, entre os anos 1969-1970, correspondendo às estruturas mínimas de todo liame social (JORGE, 2002, p.18-19). Por isso, em toda relação que se estabelece, cria-se a possibilidade de uma dinâmica de comunicação, sendo tal processo embebido de singularidades.

Segundo Jorge (2002, p. 28-29), “[...] a posição do “psicanalista é feita substancialmente do objeto a, na medida em que esse objeto a designa precisamente o que, dos efeitos do discurso, se apresenta como o mais opaco, há muitíssimo tempo desconhecido, e, no entanto, essencial”. E conclui que, “[...] O analista se “oferece como idêntico ao objeto a”, isto é,” que se apresenta ao sujeito como causa de desejo”. “O que leva a pensar que o discurso do analista não é a linguagem, mas o silêncio”. Além disso, embora difícil e desafiador, justamente por ser complexo escutar, tem algo belo porque a palavra inaugura sempre de forma original o que se passa interiormente pelo sujeito (JORGE, 2002, p. 30).

Segundo Elia (2002, p. 36), “[...] É o discurso e não a linguagem que torna operante o objeto a, além de estabelecer lugares de operatividade”. Ainda ressalta Elia (2002, p. 38) ao afirmar que (2002, p. 38), “[...] É de

Freud a frase de que a relação analítica deve ser fundada no amor à verdade. [...] e a coloca sob análise, ou seja, a análise, mostrando o que pode haver de enganador na verdade, quando a relação que o sujeito estabelece com ela é de amor”. Eis o que diz Freud, 1913/1996 p. 265, “[...] não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade”. E complementa Quinet (2002, p. 42), “O amor como endereçamento ao saber estabelece a equivalência entre o ideal do eu e o sujeito do suposto saber: o sujeito se mostra, se faz ver, pois se vê amável – donde resulta que ele se faz saber, se presta ao saber do Outro”.

É por meio da análise pessoal, que segundo Jorge (2006, p. 92), “[...] que um psicanalista retira a referência mais fundamental para a sua própria experiência clínica. [...] algo que pode ser traduzido, com Lacan, pela ideia de que o saber articulado à verdade produz efeitos de formação”. As autoras Macedo e Falcão (2005, p. 74), ressaltam que “[...] Escutar-se em sua análise pessoal permite a instrumentalização do analista e oferece, [...] a possibilidade de utilização de todos esses fatores como recursos que incrementam sua capacidade de escuta e de verdadeira sustentação de seu lugar”. No texto, “A questão da análise leiga”, Freud propõe um legado aqueles que desejam ser analistas:

Quando ministramos a nossos alunos um ensino teórico em psicanálise, podemos observar que isto lhes surte pouco efeito inicialmente. Acolhem as doutrinas psicanalíticas com a mesma frieza que acolhem as outras abstrações com as quais foram nutridos. [...] rogamos a quem quer que vá exercer a psicanálise em outros que antes se submetam a uma análise. [...] ao experimentar em seu próprio corpo - mais precisamente, na própria alma - os processos que sustentam a existência da análise, que os alunos adquirem as convicções que os guiaram mais tarde como analistas (FREUD, 1996 apud JORGE, 2006, p. 115).

É justamente por se dar no terreno da transferência que a ação do analista requer que ele próprio seja analisado. Uma vez, que é a partir da transferência de acordo com Azevedo (2006, p. 73), “[...] a psicanálise é um privilégio que se tem em decorrência da análise pessoal. [...] É no divã, com a escuta de um outro, que aprendemos a ouvir o Outro, sua cadência, seus paradoxos, sua lógica”. De acordo com Macedo e Falcão (2005, p. 69), “[...] Ao lançarmos nosso olhar para a importância dada pelo analista às palavras de seu analisando, demarcou-se o fundamental papel da escuta do analista em relação a si próprio, em sua análise pessoal”. Ou seja, o caminho acontece por via da escuta que o analista recebe em sua análise, encontrando-se entre dores e alegrias, uma razão para revisitar sua história e com ela ressignificar suas escolhas atuais.

Para Quinet (2009 p. 25), “[...] O surgimento do sujeito sob transferência é o que dá o sinal de entrada em análise. [...] É o que depreendemos [...] da associação livre por Frau Emmy Von N., quando pede para Freud

calar-se: há para ela um saber, presente em seus próprios ditos”. E conclui que “[...] A transferência não é, portanto, uma função do analista, mas do analisante. A função do analista é saber utilizá-la” (QUINET, 2009, p. 26). Para Laplanche e Pontalis (2001, p. 517), “[...] São reimpressões, cópias das moções e das fantasias que devem ser despertadas e tornadas conscientes à medida dos progressos da análise; [...] é a substituição pela pessoa do médico de uma pessoa anteriormente conhecida”. Cada vez que, para o sujeito a função do suposto saber se estabelece a transferência é instituída.

Para Silvestre e Silvestre (1999 p. 96), a “[...] transferência é o que oferece ao analista o lugar de onde ele pode ouvir aquele que nele confia, e de onde ele pode responder-lhe isto é, interpretar”. É o estreitamento dos laços, que perpassa no tempo do sujeito, com a formação da transferência, no *setting* terapêutico. De acordo com Jorge (2006, p. 288), “[...] “o psicanalista sabe que o sujeito sabe sem saber que sabe. Seria este o saber que permite ao analista sustentar seu desejo de psicanalista e insistir na experiência”. O que seria para Quinet (2009, p. 26), “[...], muito mais que a posição de saber, é uma posição de ignorância, não a simples ignorância, mas a ignorância doura. [...] convite não apenas a prudência, mas também a humildade; um convite a se precaver contra o que seria a posição de um saber absoluto”. Nesse sentido, há uma maneira de saber no analista, advinda de modo peculiar, de sua análise pessoal e que o torna um eterno aprendiz. Talvez seja esse o segredo em tom maior: recriar o inédito que habita dentro de si.

Como diz Quinet (2009, p. 16), “[...] só há uma demanda verdadeira para dar início a uma análise – a de se desvencilhar de um sintoma [...] endereçado pela cadeia de significantes ao analista, que está no lugar do outro [...] cabendo-lhe transformar esse sintoma na questão que Lacan denomina “Que queres?” (*che vuoi?*), questão chamada desejo”. É, de fato, o desejo ponto que compete ao analista inserir nesse processo do sintoma. Inserido nesse contexto Weill (2006, p. 226), salienta: “[...] o fato de que o analista, para além de ter se havido, em sua própria análise, com os percalços da travessia da fantasia que o subsumia na vida, para o melhor e para o pior, deve haver-se também com a travessia da teoria”, o que aponta para o fundamento do arcabouço teórico.

A formação teórica, como segundo elemento do tripé, para Jorge (2006, p. 94), constitui “[...] a eficácia do ensino que se mede pela retomada que ele próprio provoca, o ensino da psicanálise deve necessariamente se acompanhar de questionamentos. [...] Que o ensino teórico se submeta a um trabalho contínuo”, pontual e inacabado. Macedo e Falcão (2005, p. 71), enfatizam “[...] os quão importantes são os suportes teóricos do analista, uma vez que são eles que caracterizam e sustentam a práxis. É a partir de seus preceitos teóricos que o analista enxerga o paciente como ser psíquico e sustenta sua escuta diante dele”. Referindo-se à

formação teórica, Jorge salienta que:

Segundo “Hanns e Sachs, em um artigo consagrado à psicanálise didática, trata-se de sua necessidade, comparando-a ao noviciado imposto aos futuros padres, uma vez que a análise didática, da mesma forma que o noviciado tem o objetivo de “desviar o olhar do visível para o invisível”, tem por missão habituar ao futuro analista a levar em consideração o que geralmente fica escondido ao “olhar leigo”, ou seja, “os abismos e os horrores” que encobrem os comportamentos humanos; em outras palavras o inconsciente (JORGE, 2006, p. 33-34).

Com efeito, para Elia (2002, p. 33) a formação teórica é “[...] uma das dimensões da elaboração do saber do inconsciente, uma exigência permanente, suplementar, e não um trabalho de menor importância, objeto de um nefasto desprezo decorrente de uma suposta supremacia do “experencial”, que o reduz ao plano intuitivo, do talento desprovido do saber”. Se, por outro lado, a análise pessoal prima pelo sustento da função do analista, igualmente a formação teórica e a supervisão, servem de apoio na consistência do fazer-se analista cotidianamente.

A supervisão, segundo Jorge (2006, p. 97), “[...] ocupa o lugar de um sintoma da formação do psicanalista e, como tal, revela sua verdade. Sugerida [...] da necessidade de um psicanalista formar novos analistas”. Com efeito, pode-se dizer, que a supervisão:

[...] é descrita como tendo, essencialmente, a função analítica, daí ser chamada muitas vezes em francês de *analyse* de controle, análise de supervisão: o supervisor, ao escutar o relato das dificuldades que o supervisionando diz apresentar na escuta de seu próprio analisando, estaria em condições de remetê-lo a sua própria análise. [...] Ela apresenta igualmente uma função teórico-clínica, ou seja, de apontar para o analista em formação algumas dimensões teórico-clínicas que ele ignora (JORGE, 2006, p. 97).

Para Fontenele (2006, p. 267), “[...] o psicanalista opera analiticamente, e tão somente, de sua posição de não-saber em face da realidade clínica, cabendo-lhe a postura de eterno aprendiz, algo que tem como uma de suas consequências a perspectiva da formação psicanalítica como devir”. Millot, (2006, p. 32), expressa de forma enfática quanto à seriedade da análise didática ao afirmar que: “[...] deve ser uma análise verdadeira, tão aprofundada quanto uma análise terapêutica, de tal forma que os analistas não possam ser menos bem analisados que seus pacientes”.

A supervisão está intrinsecamente ligada, ao que Freud, em um de seus textos intitulado: “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?” Quando ressalta: “a formação é uma responsabilidade que, a rigor, deve recair sobre o candidato a analista”. Por isso, segundo Jorge (2006, p. 288), é “[...] uma tarefa bastante delineada no trabalho de supervisão, que se revela como verdadeira aprendizagem, bastante singular, e que eu definiria,

retomando uma expressão de Moustapha Safouan, como sendo de aprender a aprender”. Em suma, a supervisão é uma prática conexa entre os três elementos que constituem o tripé, fornecendo dispositivos que mediam a função do analista, convoca-o a questionar-se sempre, em cada ato inaugural, que lhe é apresentado.

Desejo e lugar do analista

Desejo é algo que acompanha o ser humano desde sempre. Pode-se pensar em uma analogia do desejo como um farol que conduz as embarcações em alto mar, no sentido de sinal, algo que baliza, sugere e ilumina. Se, por um lado, orienta os condutores, contudo, reporta para o analista suas moções interiores, conduzindo-o a pensar qual é o seu lugar. Para Laplanche e Pontalis (2001, p. 254), o conceito de investimento está ligado ao “conceito econômico. O fato de uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc”. E definem o termo libido, originário do latim que “significa vontade, desejo. [...] Energia, considerada como uma grandeza quantitativa- embora não seja efetivamente mensurável -, das pulsões que se referem a tudo o que podemos incluir sob o nome de amor” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 266).

Freud, 1914-1916/1996 p. 31, de modo eloquente no texto a introdução ao narcisismo é enfática ao dizer que “[...] Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la” e ressalta:

[...] de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? [...] tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar (FREUD, 1914-1916/1996 p.20).

É realmente questionador as palavras de Freud, quando interpela que somente investimentos que se traduzem no dia-dia, através de escolhas, por amor, o que traz razão e faz valer a pena ou não, quando a doença expressa as formas de escolhas desadaptativas realizadas pelo sujeito. Fazendo alusão à essência do analista Quinet (2009, p. 29) questiona: “Qual o efeito do estabelecimento desse sujeito suposto saber? É o amor. Com o surgimento do amor se dá a transformação da demanda, [...] livrar-se do sintoma torna-se uma demanda intransitiva (demanda de amor, de presença, já que o amor demanda amor)”. Para Quinet (2009, p. 29), “[...] “Ao surgimento do desejo, sob a forma de questão, o analisante responde com amor; cabe ao analista fazer surgir dessa demanda a dimensão do desejo, que é também conectado ao estabelecimento do sujeito

suposto saber”.

Em seu trabalho “O psicanalista amador e os três desejos”, Leite (2006, p. 153), resgata a etimologia da palavra amador de forma belíssima e desafiadora. “[...] do latim *amatore*, é “aquele que ama o que faz”, [...] o amante que se dedica a uma arte ou ofício com prazer, e que visa tão-somente ao gozo do fazer, sem se mover pela necessidade de expor o produto acabado ou impor a imagem pública do artista”. Por isso, na construção do fazer-se analista, percebe-se que a via de acesso se dá, por meio do que Leite (2006, p. 162-163), escreve de forma poética e sagaz: “Um psicanalista amador é feito de uma formação permanente [...] que propicia a sustentação do desejo do analista”. Em sua reflexão no texto “Análise terminável e interminável”, Freud expõe:

“Uma análise termina quando analista e paciente deixam de encontrar-se para a sessão analítica. Isso acontece quando duas condições foram aproximadamente preenchidas; [...] que o paciente não mais esteja sofrendo de seus sintomas e tenha superado suas ansiedades e inibições [...] que o analista julgue que foi tomado consciente tanto material reprimido, que foi explicada tanta coisa inteligível. [...] O outro significado do ‘término’ de uma análise é muito mais ambicioso. [...] É como se fosse possível, por meio da análise, chegar a um nível de normalidade psíquica absoluta-um nível, ademais, em relação ao qual pudéssemos confiar em que seria capaz de permanecer estável!” (FREUD, 1937, p. 235).

Diante do exposto, Quinet (2009 p. 97), ressalta que, “A vertente da análise que implica a decifração do inconsciente e o sujeito como efeito do significante é interminável. [...] É a partir do objeto a que se situa a vertente terminável da análise”. Nesse sentido, pode-se dizer que é o que desperta do sujeito para a relação com a realidade, o que na verdade seria abertura para o mundo. É por meio desse liame que nasce a segurança do que fazer, frente às surpresas que a vida lhe oferece.

Segundo Landi e Chatelard (2015, p.166), “[...] O final da análise pode, então convocar o sujeito a frequentar o lugar do objeto para um outro sujeito, [...] levá-lo a bancar o objeto no faz-de-conta da cena analítica de um outro”. Para Quinet (2009, p. 105), “O ato é acéfalo, pois o sujeito não é agente de seu ato, ele é agido. [...] O ato vem no lugar de um dizer pelo qual ele muda o sujeito”. E ainda, “O ato psicanalítico só encontra seu princípio em um outro ato: o do analista que ele foi. E a cada ato do analista ele renova esse ato inaugural” (Quinet, 2009, p. 106). O lugar do analista envolve um subtrair-se, onde o analista abre espaço ao ato analítico. Assim, descortina-se o maravilhar-se, experimentando a surpresa como o olhar da criança que desperta para algo novo.

Ampliando a reflexão, Bernardes (2002, p. 315), salienta o que deve nascer na percepção de um analista que é: “um desejo inédito. [...], dentro do que é exigido da pessoa do analista, pode-se dizer, é que

ela não se confunda com o lugar do analista: o qual se define como o que ele deve oferecer vago ao desejo do paciente para que se realize como desejo do outro”: De forma incisiva Freud afirma no texto “Sobre o início do tratamento”, fazendo menção a uma metáfora, por meio de uma pergunta aparentemente inoportuna do paciente ao médico, manifestando certa curiosidade quanto ao tempo de duração do tratamento. A resposta do médico veio “[...] assemelha-se à resposta dada pelo filósofo ao Caminhante, na fábula do Esopo. [...] Caminha! [...] com pretexto de que precisava saber a amplitude do passo do caminhante antes de lhe poder dizer quanto tempo a viagem duraria” (FREUD, 1913/1996 p. 143.). A realidade retratada na metáfora, também pode ser conduzida, quanto à formação e investimento do analista, pois a nobreza da resposta do filósofo é contemporânea: caminha. Que pode ser traduzida como; investe, ouse e autorize-se.

Considerando que a função do analista é complexa e exigente, justamente por ser nobre, Freud (1913, p. 265), revela “[...] parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito tempo, são a educação e o governo”. Contemplado ao longo do trabalho, todo contexto que envolve a pessoa do analista, pode-se dizer que o mesmo carrega dentro de si o ofício de um garimpeiro a procura de ouro. É o que Jorge (2011, p.161 apud LAND e CHATELARD, 2015, p. 166) disse de forma inspiradora com relação ao desejo do analista que nada mais é do que o [...] “desejo de despertar o desejo de despertar”. Convocando-o assim, a transcender não como mera ascensão, por meio de seus esforços, mais a partir do amor que é desejo inerente ao ser humano e o sonho do grande Outro para com suas criaturas.

Considerações finais

Diante do arcabouço teórico, advindo das Obras de Freud, Lacan e alguns comentadores contemporâneos, a palavra enunciada torna-se genuína por convocar o sujeito a falar, tornando-se porta voz. Atualizando assim, o legado, que possibilita ao analisando dizer o que traz no mais profundo de sua interioridade como: alegrias e dores, compreensões internas e insights.

Com sua atuação, a psicanálise passou a ser reconhecida como ciência, tendo como epifania a palavra, posta como desejo inconsciente que retrata o que está para além, autorizando o sujeito, como agenciador de seu discurso. E o analista, por meio da escuta atenta, possibilita que esta seja desprovida a priori de qualquer julgamento prévio e represente a mola propulsora da ação da palavra.

Pode-se dizer que a sustentação da função do

analista, provém da estrutura que o constitui: análise pessoal, formação teórica e supervisão. Tripé que nutre e ativa o despertar do desejo disposto a transcender a falta, inerente a condição do sujeito, porém habitada pelo mistério que o faz ser por natureza, eterno desejante.

Escuta como investimento interminável, sentinelas do surpreendente, que através da fala de seu analisando, abre horizonte de novas escolhas, convocando-o a responsabilizar-se por elas como porção de cada dia, por meio do inédito que habita o sujeito.

Referências

- AZEVEDO, Ana Vicentini. **Análise leiga, mais ainda**. In JORGE, Antônio Coutinho (Org). Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria, 2006. p. 67-77.
- BERNARDES, Angela Cavalcanti. A segunda regra fundamental: um comentário sobre o Ferenczi de Lacan. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 311-316, Dec. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Nov. 2018.
- ELIA, Luciano. O Aveso da Psicanálise e a formação do psicanalista. In: RINALDI, Dores; JORGE, Marco Antônio Coutinho (Org). **Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário**, livro 17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro, RJ: Ambiciosos, 2002. p.33-41.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos. 1914-1916. **Obras Psicológicas Completas**. v. XII. São Paulo: Companhia Das Letras, 1996. p.20-35.
- _____. Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. 1937-1939. **Obras Psicológicas Completas**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 231-270.
- _____. O caso Schreber, Artigos sobre Técnicas e outros trabalhos. 1911-1913. **Obras Psicológicas Completas**. v. XII Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.125-133.
- FONTENELE, Laéria B. **Caminhos e descaminhos da supervisão**. In. JORGE, Antônio Coutinho (Org). Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria, 2006. p. 263-276.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: RINALDI, Dores; JORGE, Antônio Coutinho (Org). **Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário**, livro 17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro, RJ: Ambiciosos, 2002. p.17-32
- JORGE, Antônio Coutinho. **Lacan e a estrutura da formação do psicanalista**. In JORGE, Antônio Coutinho (Org). Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria, 2006. p. 85-104.
- LANDI, Elizabeth Cristina; CHATELARD, Daniela Sheinkman. O lugar do analisandoeaética do desejo. **Tempopsicanal**, Rio de Janeiro, v.47, n.2, p. 156-170, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2018.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEITE, Sonia. O psicanalista amador e os três desejos. Sobre o desejo do analista. JORGE, Antônio Coutinho (Org). **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 153-164.
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCAO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, jun., 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2018.
- MILLOT, Catherine. Sobre a história da formação dos psicanalistas. In JORGE, Marco Antônio Coutinho (org). **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.p. 29-42.

QUINET, Antônio. **As 4 + 1 Condições da Análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

RIVERA, Tania. **Gesto analítico, ato criador**: Duchamp com Lacan. JORGE, Marco Antônio Coutinho (org). Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p.235-244.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de psicanálise. Edição brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVESTRE, Danièle; SILVESTRE, Michel. **A transferência é amor que se dirige ao saber**. In: MILLER, Gérard (Org). LACAN. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1999.

WEILL, Alain Didier. A passarela. In JORGE, Marco Antônio Coutinho (org). **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 205-208.

Notas

1. “Hipnose termo derivado do grego hupnos (sono) e sistematizado, entre 1870 e 1878, para designar um estado alterado da consciência [...] provocado pela sugestão de uma pessoa em outra. [...] Freud foi o único estudioso de sua época a inventar um tratamento que, libertando o enfermo dos últimos resquícios de um magnetismo transformando hipnotismo e sugestão, propunha uma filosofia de liberdade, baseada no reconhecimento do inconsciente” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 335-336).